

## **RÁDIO ESCOLA: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES EM CONTEXTO DE APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS MEDIANTE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SÓCIOLINGÜÍSTICAS INOVADORAS**

Aluísio Wagner de Araújo Lopes  
Doutor em Ciências da Educação  
Universidade da Madeira – UMa - Portugal  
IMPARH/SEPOG/PMF - CE – Brasil  
Diretoria de Extensão e Projetos  
[aluisiolopes@yahoo.com.br](mailto:aluisiolopes@yahoo.com.br)

Elielder de Oliveira Lima  
Mestre em Letras  
Universidade Estadual do Ceará – UECE  
Secretaria da Educação Básica do Ceará – SEDUC-CE - Brasil  
[Elielder.lima@seduc.ce.gov.br](mailto:Elielder.lima@seduc.ce.gov.br)

**Resumo:** O presente artigo é resultante de um estudo que se propôs a investigar, à luz das teorias educacionais contemporâneas, particularmente, as que enfocam a inovação pedagógica, em uma escola pública, as práticas pedagógicas mediadas pelas atividades da oficina Rádio Escola, do Programa Mais Educação, visando verificar se uma situação de construção de conhecimento é entendida como uma cultura emergente que se contrapõe a práticas pedagógicas tradicionais e que pode revelar-se como inovação pedagógica. O estudo contempla uma abordagem etnográfica, mediante observação participante periférica, onde se descreve, analisa e interpretam-se os elementos compreendidos em uma ordem particular de organização sociocultural em um dado contexto escolar. Participaram da pesquisa: alunos, professores e grupo gestor de uma escola pública. Como resultados, identificamos que um grupo de alunos participantes da oficina Rádio Escola que convivem no território escolar, construíram em um espaço formativo oficial, uma configuração de uma comunidade de prática mediante interações e mediações compreendidas em relações dialógicas inerentes a uma cultura situada, revelando práticas sociolinguísticas inovadoras que impulsionaram o desenvolvimento de contextos de aprendizagens significativas. Desse modo, pode-se inferir que as atividades realizadas no interior da oficina Rádio Escola são reveladoras de novas configurações pedagógicas ancoradas em práticas socioculturais constituídas através de negociações de significados e sentidos sustentadas e legitimadas de forma autônoma e espontânea, rompendo com uma lógica tradicional de desvinculação entre o mundo da escola e o mundo dos jovens, ensejando protagonismo juvenil no que concerne à construção de aprendizagem e de conhecimentos emergindo assim um processo de inovação pedagógica.

**Palavras-chave:** Contextos de aprendizagens. Práticas sociolinguísticas. Rádio Escola.

### **Introdução**

As exigências sociais e culturais demandam um novo *modus operandi* à escola em face da geração do conhecimento. A ideia minimalista da escola como um espaço físico onde se processam atividades de ensino e aprendizagem através de métodos tradicionais precisa ser

repensada na perspectiva de transformar-se em um espaço de convivência de diferentes grupos com diferentes culturas, que se associam em redes, abertas, para a produção colaborativa do conhecimento.

A experiência como Professor e Técnico em Educação, desde 2001, em escolas da rede pública de ensino de Fortaleza e, paralelamente, o exercício da função de Coordenador Pedagógico, desenvolvendo programas e projetos na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, permitiu-nos vivenciar inúmeras situações que suscitam questionamentos, críticas e reflexões sobre o *modus operandi* das escolas, suas complexidades, as relações sociais e culturais, que culminam na busca por caminhos profícuos para a consecução das aprendizagens dos alunos.

Encontramos no espaço da oficina Rádio Escola uma oportunidade ímpar de elaborar um estudo que nos permitisse aprofundar nossos conhecimentos, visto se tratar de área de estudo em que temos grande interesse. Na condição de Coordenador de Programas e Projetos na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, passamos a visitar a escola *locus* da pesquisa, com mais frequência pela inquietude que nos causou em querer observar mais claramente o referido contexto. À medida que se ampliavam as visitas e as vivências no cotidiano da escola, é que crescia a compreensão de que era necessário um mergulho mais aprofundado no espaço onde acontecia a oficina com o objetivo de estudar a cultura escolar situada especificamente naquele espaço, como também um estudo mais ampliado do ambiente da escola como um todo: as pessoas, as relações, as culturas existentes.

Esse contexto escolar instigou-nos a perguntar sobre a emergência dessas novas práticas pedagógicas, reveladoras de novos modos de ensinar e aprender, que estão em desenvolvimento nos espaços escolares, opondo-se às práticas tradicionais de ensino e aprendizagem e que ainda têm considerável prevalência nesse território educativo, implicando na emergência de novas tensões e relações de poder no chão da escola, explicitando contendas relativamente silenciosas entre a cultura oficial e as emergentes culturas juvenis populares, tendo como pano de fundo as demandas sociais contemporâneas.

A temática da inovação pedagógica emerge nos cenários educativos onde ocorrem transformações socioculturais e econômicas que exigem dos educadores e dos educandos delinearem novas situações de aprendizagem. Estas devem oportunizar uma preparação diferenciada frente aos novos desafios e demandas que emergem em oposição aos modelos educacionais tradicionais, que insistem em informar as visões e as práticas escolares,

definindo um perfil conservador e reducionista do papel da escola, com abordagem preferencialmente tecnicista.

Para que possamos observar e interpretar o comportamento humano mediante uma abordagem etnográfica na área educacional, é preciso que compreendamos em que contexto se dá as ações e como os significados se expressam culturalmente tanto em um ambiente macro (escola) como no ambiente micro (sala de aula); neste contexto, acontecem as práticas pedagógicas, as interações e as negociações sociais na construção do conhecimento. É nessa perspectiva que construímos este estudo na tentativa de descrever e interpretar uma cultura em um microcosmo, observando tudo e todos, com o objetivo de verificar se uma situação de construção de conhecimento é entendida como uma cultura emergente que se contrapõe a práticas pedagógicas tradicionais e que pode revelar-se como inovação pedagógica.

### **Os objetivos do estudo**

O estudo tem como objetivo propor uma descrição densa (GEERTZ, 1978) sobre atitudes, valores, significados, comportamentos e contextos que um grupo de alunos e professores produz e que se configura como uma perspectiva de inovação pedagógica, em um espaço de educação pública, compreendido como uma ordem particular de organização sociocultural revestindo-se de um significado específico para este grupo e que representa uma cultura situada dentro do espaço mais amplo da cultura escolar padronizada.

Identificamos que os grupos de pré-adolescentes e jovens que convivem no território escolar trazem para esse espaço formativo oficial as experiências e saberes da cultura popular, somados à experiência e familiaridade que as novas gerações têm com as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC, implicando em um ingrediente novo nesse movimento complexo que se traduz em práticas inovadoras no espaço escolar, considerando as reflexões referentes às formas como se desenvolvem as relações e o tipo de experiência que as TICs possibilitam aos seus usuários.

Para o desenvolvimento do estudo, levantamos questões de investigação que nos permitiram uma melhor orientação e referenciação mais aprofundada de como interpretar e compreender as novas práticas pedagógicas da oficina Rádio Escola. As questões que permearam todo o estudo são:

1. Que contextos de aprendizagem são visíveis na oficina Rádio Escola?
2. De que maneira os alunos desenvolvem suas aprendizagens na oficina Rádio Escola?

3. Como alunos, professores e gestão escolar significam as práticas pedagógicas da oficina Rádio Escola?
4. Como se desenvolve o encontro entre a cultura dos alunos (popular), a cultura escolar (oficial) e a cultura das TICs (cibercultura) na oficina Rádio Escola?

Desse modo, estabelecemos como objetivo geral de nossa pesquisa, investigar, à luz das teorias educacionais contemporâneas, particularmente, as que enfocam a inovação pedagógica, em uma escola pública, as práticas pedagógicas mediadas pelas atividades da oficina Rádio Escola do Programa Mais Educação.

Como objetivos específicos, estabelecemos:

- Investigar que contextos de aprendizagens são visíveis na oficina Rádio Escola a partir da organização do ambiente pedagógico;
- Identificar de que maneira os alunos desenvolvem suas aprendizagens no ambiente da oficina Rádio Escola.
- Analisar como os alunos e professores significam essas práticas, considerando seus diferentes papéis e atuação no cenário escolar;
- Compreender como se dá o encontro entre a cultura dos estudantes (popular) - marcada pelas TICs (cibercultura), e a cultura escolar (oficial) – ainda muito marcada pelo modelo fabril, verificando as implicações em uma perspectiva pedagógica inovadora;

Considerando o objetivo de nossa investigação, optamos por uma pesquisa qualitativa, do tipo etnográfico, utilizando como instrumentos de coleta e registro de dados: o diário de campo, a observação participante e o diálogo informal. Para que possamos observar e interpretar o comportamento humano mediante uma abordagem etnográfica na área educacional, é preciso que compreendamos em que contexto se dá as ações e como os significados se expressam culturalmente, tanto em um ambiente macro (escola) como no ambiente micro (sala de aula); neste contexto, acontecem as práticas pedagógicas, interações e as negociações sociais na construção do conhecimento.

Neste estudo, propomos a observação participante por conter características que permitem uma interação mais estreita com os sujeitos participantes no intuito de obter um determinado grau de implicação nas atividades do grupo estudado, que se possa alcançar para compreender de forma mais densa as variáveis existentes das compreensões de vida de cada sujeito participante. Todo e qualquer evento em um contexto, devem ser observados: comportamentos, posturas corporais, linguagem verbal, não verbal, todos os detalhes. A

observação é um ato de perceber um fenômeno que por determinados instrumentos deve ser registrado e analisado. “Los principales requisitos de la observación son, naturalmente, un ojo avizor, un oído fino y una buena memoria” (WOODS, 1987, p.56).

Optamos pela observação participante periférica (ADLER, ADLER, 1987), pois estabelecemos certo grau de implicação, certo nível de envolvimento, o suficiente para sermos aceitos pela comunidade escolar e, mais especificamente, pelos participantes da oficina Rádio Escolar a fim de que pudéssemos potencializar o máximo de atenção e foco na compreensão e interpretação das atitudes, nas formas de falar, das palavras, dos canais de conversas, dos gestos, dos valores, das expressões corporais, das dinâmicas afetivas, como também na captação de elementos invisíveis e não conscientes que permearam nas relações sociais no contexto sociocultural observado.

Utilizamos como técnicas privilegiadas de recolha de dados, a observação, o diário de campo e os diálogos informais. Recorremos, também, a outros materiais de apoio como fotografias, documentos oficiais, registros em vídeos e artigos de jornais. Incluímos, ainda, o registro de tipo etnográfico, em que todos os pormenores relativos a conversas e práticas dos vários intervenientes do contexto escolar, dados de opinião, entre outros que pudessem nos ajudar a atingir os nossos objetivos, foram anotados, assim como as nossas inferências, interpretações e questões que iam surgindo e que foram importantes e fundamentais para a construção de dados que se pretendeu arregimentar para melhor compreensão das práticas sociais e culturais dentro da cultura específica, objeto de nosso estudo.

Tivemos o cuidado de não desviarmos do conceito de observação como metodologia de observação participante e enveredarmos para a observação reduzida a uma técnica de coleta de dados que teria como fim uma reprodução, uma mera transcrição de atividades. O pesquisador etnográfico deve ter clareza de que a observação deve centrar-se na descrição densa dos significados consequentes das atividades produzidas e das interações decorrentes, conforme a visão dos sujeitos participantes das ações objeto de análise (ERICKSON, 1989; DAUSTER, 1989; ANDRÉ, 1997, FINO, 2008).

## **Discussão teórica e resultados alcançados**

A questão da construção de aprendizagem pelos jovens no território escolar envolve um conjunto de fatores relacionais, motivacionais, afetivos, as percepções, os sentidos, que desempenham grande influência na mobilização para a construção de significados com alto

grau de implicação com as práticas pedagógicas, e que são intrínsecas à aprendizagem. Em nosso estudo, um grupo de alunos, como comunidade de prática, constroem suas aprendizagens quando do desenvolvimento de identidades e significados por eles negociados coletivamente e são percebidos como manifestações culturais desenvolvidas e compartilhadas em um contexto fruto de participações ativas envolvendo comunicação, interação, cooperação e colaboração (LAVE; WENGER, 1991).

No mundo contemporâneo, as transformações tecnológicas digitais têm influenciado novas subjetividades, novas maneiras de ser e estar no mundo. As novas gerações que cresceram acostumados a conviver com as tecnologias da informação e comunicação – TIC, numa relação mais intuitiva e crítica constituem-se como novos sujeitos de aprendizagem. Estão mais habituados a buscar informações em fontes digitais, assimilando-as sem nenhum sentimento de estranheza realizando por vezes múltiplas tarefas simultaneamente de modo descontínuo, não linear, configurando novas relações e interações em um contexto de alta disponibilidade tecnológica. O uso de artefatos eletrônicos, mais especificamente os aparatos móveis como smartphones, tablets entre outros pelos jovens estão demandando modos de vida baseado em culturas de convergência que é incompatível com o que a escola como instituição estabelece como cultura escolar, normalizadora, com seus instrumentos e recursos, práticas e discursos que sistematizados através do mecanismo de confinamento, com tempos e espaços minuciosamente pautados e regulamentados desenvolvendo processos de ensino e aprendizagem para formar alunos.

Em nosso campo de estudo, através das observações, análises e interpretações, percebemos que nas práticas pedagógicas da Rádio Escola aconteciam pontos de interseção e de tensão entre a cultura da escola (oficial), a cultura dos jovens (popular) e a cibercultura. Atentamos mais detalhadamente em contextos onde se desenvolviam as dinâmicas de elaboração de textos radiofônicos. Emergiam tramas de significados construídos pelos alunos em relação ao uso da linguagem enquanto elemento de interação social. Os alunos conduziam as atividades com uma facilidade de comunicação e interlocução entre os pares do grupo que denotava um sentimento de liberdade de criação pela dinâmica nos diálogos de maneira diferenciada, intercambiando ideias.

As observações e os discursos dos alunos revelaram um processo interessante de produção de textos radiofônicos através de trocas linguísticas como práticas discursivas imbuídas de discursos e significados sobre si, dos outros, da rádio e do contexto. Eram dinâmicas que se mostravam estranhas aos ritos curriculares oficiais da escola e seus

mecanismos de normalização. Não se caracterizavam como construções linguísticas estruturadas canonicamente e engendradas em salas de aula, como componentes da cultura curricular da escola, e sim como práticas de linguagens reveladoras de expressões espontâneas, canalizadas por interações significativas, emergindo um contexto de múltiplas subjetividades através de criações autênticas ancoradas em práticas socioculturais resultando em redes de significação dando sentido às aprendizagens.

Percebemos que a linguagem no contexto da oficina Rádio Escola se apresenta com uma dupla natureza: social e cognitiva. Social porque é a partir das interações sociais que os alunos se apropriam de espaços de diálogos onde os sentidos e significados são provocados, mobilizados e negociados através da linguagem propiciando sensibilidades e aprendizagens que resultam em conhecimentos e produções culturais contextualizadas. Cognitiva porque é pelas relações sociais e pela linguagem que os papéis e as funções sociais dos participantes do contexto vão se internalizando constituindo significações, despertando processos internos, caracterizando o desenvolvimento de habilidades cognitivas que geram mobilizações de recursos cognitivos para atingir os objetivos das atividades do grupo.

Verificamos que experiências com práticas educacionais trazem para o território escolar potencialidades de construção de conhecimentos que tendem a aproximar ou, pelo menos, atenuar a distância entre a cultura da escola que desenvolve uma cultura sistêmica e homogênea, objetivando configurar novos sujeitos sociais com uma subjetividade particular e a cultura do jovem que representa um universo cultural com suas linguagens e atitudes que caracterizam vidas coletivas independentes da escola. O estudo da cultura no interior da oficina Rádio Escola nos proporcionou uma compreensão de que para aprendermos, temos que interagir. Que a linguagem como instrumento de mediação e as influências culturais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do aluno, sendo a aprendizagem significativa a força motriz desse desenvolvimento.

Acreditamos que as práticas pedagógicas da Rádio Escola expressam o uso de distintas modalidades linguísticas e de forma complementar. São atividades autênticas que envolvem dialogicidade com negociações situadas assumindo funções interacionais imersas em fenômenos de uma cultura particular emergindo daí contextos de aprendizagens. É uma realidade que se contrapõe ao discurso e práticas pedagógicas de escolas que privilegiam os padrões culturais e linguísticos das classes dominantes, impondo-os como saberes legítimos como forma de manter e perpetuar uma estrutura social cristalizada por privilégios e desigualdades sociais. É uma questão de “violência simbólica” como bem fundamentam

Bourdieu e Passeron (1992) quando teorizam sobre uma cultura que a escola dissimuladamente apresenta e ensina como neutra, mas que é subliminarmente carregada de mecanismos de controle e manutenção de quem detém o poder simbólico e cultural. É uma eficaz estratégia de socializar as desigualdades. Compreendemos ser a escola um campo sociocultural e, como tal, deve valorizar e potencializar a construção do conhecimento como processo eminentemente interativo produzindo uma cultura própria fundamentada na prática social.

Há um descompasso entre o mundo da escola e o mundo dos jovens. Nesse contexto é provável que aconteçam tensões e conflitos entre a integração dos jovens com os seus “iguais”, bem como na adequação dos mesmos às normas escolares. Temos a escola que define e hierarquiza as relações sociais e os jovens com suas tramas próprias de relações sociais em constante mutação com conflitos e negociações diante de variados contextos. Consideramos a escola como uma instituição construtora de subjetividades, como um espaço onde o aluno se relaciona com os demais e luta para expressar por meio de identidades e práticas socioculturais, um sentimento de ser reconhecido como uma pessoa dotada de emoções, anseios e perspectivas e que precisa ser valorizada como tal. Ser jovem e ser aluno é ao mesmo tempo uma mesclagem entre construções de subjetividades.

Diz respeito entre o que a escola quer como formação social juvenil através do estabelecimento de uma matriz educativa e formativa direcionada ao sujeito aluno e o que o jovem significa diante de suas experiências de vida familiar e em comunidade, sua subjetividade. Percebemos que a escola cada vez mais apresenta dificuldades em administrar as relações entre o que o mundo juvenil (exterior à escola) traz como acervo sociocultural e o que ela propõe como formação do aluno enquanto missão institucional (mundo interior da escola). “A tensão entre o aluno e o adolescente está no centro da experiência escolar” (DUBET, 1998, p.28). A escola ainda persiste em conduzir os alunos a se encaixarem em processos pedagógicos que são desconectados e/ou assimétricos em relação a cultura relevante do domínio do conhecimento. Essa cultura escolar não tem como ensinar/transmitir como usar as ferramentas conceituais como elas são usadas na prática autêntica. Para uma aprendizagem significativa, os alunos precisam estar engajados na utilização de ferramentas conceituais da forma como elas são utilizadas na prática autêntica. A escola deveria estimular o aluno a desenvolver aprendizagens através do uso de conceitos e de ferramentas do que é inerente às suas expectativas socioculturais implicando numa mudança na visão de mundo do aluno, uma mudança na visão do que a escola representa para ele.

Verificamos em nossas observações que a escola adota em grande parte como cultura da escola, um conjunto de normas, ações educacionais e práticas curriculares focadas em atividades de leitura e escrita direcionadas para os modelos de avaliações internas e externas comprometendo ao nosso ver o verdadeiro propósito que a escola deveria desenvolver: resgatar a função educativa em detrimento da função reprodutora, considerar as diferentes práticas culturais existentes na escola valorizando as interações sociais. Permitindo a cada aluno experimentar através de sua subjetividade, de seu contexto pessoal, a capacidade de desenvolver vias de atuação no mundo e alternativas de superação, construindo seus próprios entendimentos e suas reflexões sobre o conhecimento compartilhado no chão da escola, onde cada um possa criar estratégias de aprendizagem através da comunicação, colaboração e reciprocidade.

Acreditamos que a subjetividade se constitui em uma categoria central da cultura escolar. O jovem por estar imerso em um espaço público como a escola implica que é preciso reconhecer que ele vivencia processos sociais, históricos e culturais que o configuram e reconfiguram diante das interações com o outro e que vão ser referenciais para a construção de sua subjetividade através de sua produção simbólica na vida cotidiana. A escola através de sua cultura escolar impõe aos alunos a exercitar uma combinação de lógicas de ação que não se coadunam com o que eles acreditam ser útil para suas vidas. Restringe ou não permite ao jovem se aproximar à sua maneira do mundo do conhecimento, de se projetar socialmente partindo do reconhecimento de sua historicidade. Ela colabora para ocultar o verdadeiro sentido de ser jovem, tratando-o somente como *aluno*, não permitindo a ele compreender-se como um ser historicamente situado, transformando-o em um “ser dócil, obediente e útil ao sistema vigente” (FOUCAULT, 2015, p.126).

Em nossas reflexões percebemos a questão do desenvolvimento de um processo de transformação das experiências do contexto em textos que seriam expressados e veiculados na Rádio Escola. A construção se dava à medida do desenvolvimento dos diálogos entre os participantes mediante intensas negociações sobre os temas acordados. A produção dos textos acontecia através de trocas linguísticas como práticas discursivas imbuídas de discursos e significados sobre eles em si, dos outros, da rádio e do contexto. Uma dinâmica estranha em relação aos ambientes convencionais da escola, sem conexões com modelos de construção linguística estruturados canonicamente como acontece nas aulas formais de língua portuguesa sob a égide do plano curricular da escola, ainda mais voltados fortemente para fazer frente às avaliações externas. As práticas de linguagens na produção dos textos e a linguagem corporal

expressada nas locuções e gravações dos programas revelaram espontaneamente não elementos linguísticos concretos, mas sim, interações significativas canalizando e expressando todo um contexto com suas múltiplas subjetividades através de criações autênticas ancoradas em práticas socioculturais resultando em autonomia e legitimação própria.

Considerando a linguagem como sendo socialmente constituída e como elemento de interação social, buscamos referenciais teóricos que embasassem nossas observações e interpretações. Na teoria dialógica do discurso, Bakhtin (2003) nos aponta para o estudo das particularidades da linguagem através do enfoque dialógico. Para o autor, a análise da linguagem deve ser entendida no plano do discurso a partir de relações dialógicas como relações de sentido. No contexto da Rádio Escola, os alunos e os sentidos constroem-se discursivamente nas interações verbais através das relações com o outro, desenvolvendo uma melhor escuta reflexiva, uma maior capacidade criativa. A importância que nós destacamos é o contexto sócio histórico onde acontecem as interações, as discussões, os diferentes pontos de vista, as diferentes visões de mundo. “Preocupa-se com os processos de produção de sentido tomando-os sempre como situados em contextos sócio historicamente marcados por atividades de negociação ou por processos inferenciais” (MARCUSCHI, 2010, p. 34). É nesse terreno fértil que emergem as comunidades de aprendizagem. É nesse contexto que cada participante projeta suas perspectivas no coletivo interagindo e emergindo construções de conhecimentos, em movimentos espontâneos e potencialmente significativos.

### **Considerações Finais**

Este estudo nos proporcionou uma vivência no interior de uma cultura, com um certo grau de implicação, em um dado contexto, dentro de uma escola, que nos foi possível descrever, discutir, analisar e compreender fenômenos e situações que provocaram em nós indagações sobre como se configuram relações, práticas e experiências com suas particularidades e singularidades de um grupo de alunos. Debruçamo-nos em observar situações e comportamentos para que pudéssemos interpretar e compreender as especificidades dos processos culturais da Oficina Rádio Escola, envolvendo questões como: os estilos e as preferências dos participantes; as ações desempenhadas pelo grupo; a maneira como se organizavam e como se identificavam no contexto. Verificamos que os alunos, pelas práticas, se percebiam como protagonistas, conscientes de que aquelas práticas tinham

conexão com os seus mundos, que o processo de conduzi-las os empoderava, gerando motivações e interesse em continuar a desenvolvê-las prazerosamente, repercutindo nos seus modos de ver, ser e estar no mundo. E foi com o olhar minucioso e atento para pequenos desenvolvimentos, quase invisíveis, que percebemos rupturas em relação aos processos tradicionais de ensino-aprendizagem, caracterizando um movimento de inovação pedagógica.

Como um caminho para compreender as culturas cotidianas da escola, procuramos nesse estudo entender como se dava o entrelaçamento entre a cultura da escola, o universo cultural dos jovens e suas relações com os meios tecnológicos e comunicativos enquanto pertencentes da trama social escolar. As condições subjetivas relativas ao modo de ser do jovem, de como ele desenvolve suas expectativas de projetar-se ao mundo através do reconhecimento de si e do que representa para a sociedade permitindo-se compreender quem ele é historicamente, são elementos centrais que nos permitem interpretar um sujeito complexo visto pelo e desde o outro no plano das configurações sociais e culturais do cotidiano escolar. São singularidades que se projetam a partir das interações sociais e que se entrelaçam com as ações pedagógicas nomeadamente da cultura escolar.

Percebemos que do entrelaçamento entre cultura escolar e o universo cultural dos jovens, emergem pontos de tensão ou de tangenciamento que denotam condições subjetivas relativas ao desenvolvimento de saberes, dos sentidos e das experiências dos jovens no território escolar ancoradas em um projeto de formação do aluno cidadão patrocinado pela escola. Consideramos que por esse viés, há no plano educativo do nosso estudo, aprendizagens que geram subjetividades emergentes (cultura popular) e subjetividades produzidas pela instituição escolar (objetivos curriculares oficiais), caracterizando por vezes um estado de distanciamento, de desvinculação, de desconexão diante do que a escola concretamente propõe como sua missão como formadora do aluno cidadão e as perspectivas do aluno considerando a sua dimensão emocional e as experiências socioculturais em seu cotidiano.

Constatamos que as práticas pedagógicas da oficina Rádio Escola favorecem o diálogo com outras áreas de conhecimento com configurações mais abertas, criativas e participativas oportunizando ecossistemas comunicativos diante de relações dialógicas com um novo agir comunicacional, espontâneo, agregando múltiplas linguagens no território escolar expressando uma cultura significativa e tendo a Rádio Escola como um vetor de aproximação entre e para os alunos através das interações e que influenciam diretamente na aprendizagem. Compreendemos que quando os alunos desenvolvem atividades autênticas, protagonizando-

as, e particularmente na oficina Rádio Escola, as linguagens próprias dos alunos emergem com maior intensidade, ganham força e causam desequilíbrios e impactos no grupo, na escola e na comunidade.

É nessa perspectiva que nosso estudo compreendeu que as práticas pedagógicas da oficina Rádio Escola constituíram como um processo comunicativo de caráter sociocultural que proporcionou ao grupo de alunos se relacionarem culturalmente com os conhecimentos, construindo representações de si mesmos e dos outros, aprendendo a reconhecer-se e a respeitar e considerar outros mundos através da integração de seus conhecimentos historicamente constituídos com outros saberes, explorando possibilidades e potencialidades através de atividades autênticas e significativas. Este cenário é um desafio para os sistemas públicos de ensino, porque permite um movimento catalizador de transgressão da cultura curricular, linearmente categorizada e transmitida aos jovens, podendo transformá-los de alunos a aprendizes. O jovem não pode ser espectador de sua aprendizagem.

## Referências

ADLER, P; ADLER, P. Membership Roles in Field Research. New York: Sage, 1987.

ANDRE, M. E. D. A. Tendências atuais da pesquisa na escola. Cad. CEDES, Campinas, v. 18, n. 43, Dec. 1997. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 27 de janeiro de 2017.

BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

DAUSTER, T. Relativização e educação – usos da antropologia na educação. In XIII Encontro Anual da Anpocs, 1989. Disponível em: [www.anpocs.org.br](http://www.anpocs.org.br). Acesso em 01 de fevereiro de 2017.

DUBET, F. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. Revista Contemporaneidade e Educação, ano 3, v 3, p.27-33. 1998.

ERICKSON, F. Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In M. Wittrock. La investigación de la enseñanza. Barcelona: Paidós, 1989.

FINO, C. N. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: ESCALLIER, C. e VERÍSSIMO, N. (Org.). Educação e Cultura. (pp. 43-53). Funchal: DCE – Universidade da Madeira, 2008.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. São Paulo: Editora Vozes, 2015.

GEERTZ, C Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

LAVE, J; WENGER E. Situated learning: legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MARCUSCHI, L. A. Da Fala Para a Escrita: Atividades de Retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

WOODS, P. La escuela por dentro. La etnografía en la investigación educativa. Barcelona: Paidós, 1987.